

Brasil pode terminar o ano sem recessão

Ex-secretário da Camex fala em repetir ano passado, mas maioria dos economistas prevê queda inferior a 1%

DENISE NEUMANN

Nem queda de 6%, nem inflação de 35%. A revisão das projeções para a economia brasileira este ano apontam a possibilidade de não ocorrer recessão ou de o Produto Interno Bruto (PIB) cair perto de 1%. Com relação à inflação, os números convergem para uma taxa entre 6% e 8% neste ano, considerando o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) da USP.

Esses números são muito diferentes daqueles desenhados em fevereiro. Por quê? Para o ex-secretário-executivo da Câmara de Comércio Exterior (Camex), José Roberto Mendonça de Barros, o primeiro semestre deste ano comprovou que o Plano Real foi muito mais que um plano de estabilização. "O comportamento desses meses é resultado da reestruturação do setor produtivo, provocada pelo Real", sustenta.

Mendonça de Barros avalia que os economistas erraram as projeções de inflação porque subestimaram os efeitos da safra agrícola, da reestruturação produtiva e do comportamento do consumidor, que preferiu mudar de marca a comprar o produto mais caro.

Essas situações ajudam a explicar os equívocos sobre o tamanho da recessão. O PIB agrícola cresceu 9% no primeiro trimestre, o setor produtivo agiu rapidamente para substituir importações e o País já estava em recessão, o que tornou o efeito da desvalorização menos danoso, explica Mendonça de Barros, hoje na MB Associados. Ele não espera mais recessão em 99. O economista Ernest Brown, do Morgan Stanley, reviu sua projeção para alta de 0,1% no PIB.

O economista-chefe do Banco

DO INFERNO PARA A TERRA			
Previsões de fevereiro e atuais para o comportamento do PIB em 1999			
Instituição	Fevereiro	Atual	O que foi diferente do esperado
Citibank	-6*	-0,6	A queda de 6% pressupunha incapacidade de restaurar a confiança externa no curto prazo por conta da fragilidade fiscal
Lloyds	-3,9	-1,0**	Economia já vinha em desaceleração, por isso a desvalorização teve efeito menor sobre a inflação; reação da sociedade também impediu aumento de preços
Santander	-1,8*	-0,7	Inflação ficou baixa como previsto (o banco esperava 11,5%) e a indústria tradicional mostrou capacidade para substituir importações
MCM Consultores	-3,5	-1,0	Ação eficiente do BC, acordo com FMI em março e trajetória fiscal positiva, junto com inflação menor que a esperada
Tendências Consultoria	-3,5 a 4,0	-1,5	Inflação menor favoreceu expectativas internas e externas, permitindo rápida redução da taxa de câmbio
Banco BMC	-3,0 a -4,0	-1,1	Projeções não consideravam que a desindexação da economia já era tão forte; atividade agrícola surpreendeu positivamente
MB Associados	-1,8	zero	Inflação menor (população rejeitou aumentos), safra agrícola e reestruturação produtiva (desvalorização pegou setor produtivo mais eficiente)
AC Pastore Consultores	-4,0***	-1,1	Havia muitas incertezas em fevereiro; PIB agrícola forte; e controle do câmbio veio antes do esperado, permitindo queda mais rápida dos juros
Morgan Stanley	-4,0****	+0,1****	A inflação ficou bem abaixo do esperado; em fevereiro, a expectativa era de uma taxa de 21% no ano

Fonte: consultorias e departamentos econômicos dos bancos

* a instituição possuía dois cenários; o número corresponde ao cenário considerado mais provável na época pelos autores;

** há boas chances do número ser revisado para menos (entre 0,5% e 0,8%)

*** número admitido como possível em palestra proferida em fevereiro

**** números citados em artigos do economista Ernest Brown

Santander, Dany Rappaport, também diz que a reação dos setores tradicionais da economia brasileira surpreendeu positivamente e concorda que ela foi subestimada nos cálculos de PIB. "As indústrias têxtil, calçadista, química e de autopeças recuperaram produção muito rapidamente", observa. No acumulado do primeiro quadrimestre, os dados de produção industrial do IB-

GE mostram uma queda de 3,3% na indústria em geral, enquanto alguns desses setores citados já registram crescimento: têxtil (1,6%), alimentos (0,7%), embalagens (4,1%) e farmacêutica (4,7%). Rappaport revisou a previsão do tamanho da recessão de 1,8% para 0,7%.

O economista Roberto Padovani, sócio da Tendências Consultoria Integrada, aponta outra razão

importante para a reversão das expectativas negativas do início do ano: a atuação do Banco Central. "A definição de uma nova política econômica foi decisiva", diz, listando a definição por um câmbio flutuante "sujo" (com alguma intervenção), o acordo com o Fundo Monetário Internacional, os primeiros sinais de uma boa trajetória fiscal e uma política monetária ativa.